



**QUILOMBO**  
**DO**  
**CATUCÁ**  
**O Festival de Arte e Cultura**

**Gênero, Territórios  
Periféricos e Ancestralidade**

Centro Cultural Quilombo do Catucá









**QUILOMBO**  
DO  
**CATUCÁ**


**O Festival de Arte e Cultura**

**Gênero, Territórios  
Periféricos e Ancestralidade**

**Camaragibe, PE  
2022**

**Centro Cultural Quilombo do Catucá**





# INTRO DUÇÃO


É no intuito de difundir e valorizar a herança africana e indígena que corre nas veias e encruzilhadas do Centro Cultural Quilombo do Catucá e Ilê Axé Oyá T'Ogum, atuante há mais de 20 anos em Camaragibe. Entre atividades religiosas, artístico-culturais, de solidariedade e de formação social, o Quilombo do Catucá construiu uma relação de respeito e zelo com a comunidade na qual está inserido e se consolidou enquanto ponto de cultura de relevância na região metropolitana do Recife.

Poucos meses antes da pandemia, a matriarca do terreiro fez a passagem ao Orun (mundo espiritual). Filha de Iansã/Oyá, irmã de Fabiana (Tia Bica), mãe de Elaine e Deybson Albuquerque, avó de Alan, Dandara e Odara: Flávia Giane encantou-se em janeiro de 2020, mas seu legado permanece pulsando. Em vida, expressava seu desejo em ter seus filhos e afilhados dando continuidade ao que ela começou. Em espírito, como ancestral, Mãe Flávia os fortalece para que assim seja feito.

Em outubro de 2021 aconteceu a primeira Festa das Crianças sem a presença física da matriarca. Em novembro, o Festival de Arte e Cultura, em sua 5ª edição. Com as raízes

firmadas, o Quilombo do Catucá sorri para essa nova etapa da vida em comunidade e compartilha um pouco de sua história e da realização deste encontro, aqui neste livro.





# AGRA DECI MEN TOS

Nossa inspiração e agradecimento vem da profundidade do mar, do sopro do vento e do poder da mãe terra. Agradecemos aos mais velhos, aos mais novos, à Jurema Sagrada, as Marias das Encruzilhadas e às forças dos Orixás. Agradecemos pelas raízes ancestrais da negritude e periferia que fazem das nossas memórias, fontes e heranças para fortalecimento comunitário.

Gratidão pelos diversos territórios, corpos e experiências que tecem saberes, conforme os ritmos, natureza e respirar de cada ser, no intuito de realizar e continuar com as memórias e ações transformadoras de Mãe Flavia de Iansã, da comunidade do Viana em Camaragibe, Pernambuco. Assim como os agradecimentos para seus filhos sanguíneos Mãe Elaine de Oxum, Debson de Oxalá e seus filhos espirituais do Ilê Axé Oyá T'Ogum.

Em especial, agradecemos os diversos segmentos de mulheres que nos acompanham e orientam em nossa caminhada em busca da valorização e respeito contra as desigualdades e violências que nos cercam. Desde de já, agradecemos mais uma vez, as Pretas velhas, Pombas Giras e Mestras que nos protegem e nos dão sabedoria de caminhar e

dialogar nas diferentes formas de comunicação e aprendizados, através de encontros pessoais e coletivos, sendo a cultura popular fonte de ensinamentos e trocas.

Gratidão ao coletivo, atores sociais, mulheres pretas, indígenas, jovens, mães, crianças, idosos, homens, professoras, mestras, mestres, brincantes, visíveis e invisíveis que circulam no Centro Cultural Quilombo do Catucá. E que se propôs a desenvolver em conjunto o projeto e pesquisa do V Festival de Arte e Cultura, fomentado pela GRRIPP (Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice), em pesquisa e mediação de territórios e questões de gênero e raça na América Latina e Caribe.

Foram experiências educativas e estratégicas que nos auxiliaram de maneira humilde e transformadora a refletir, acionar atividades que alcançavam a percepção e importância de organizações, gestão de políticas públicas idealizadas pelas próprias comunidades, através de temas necessários para o empoderamento, pertencimento, resistência e existência através da temática “Gênero, Territórios Periféricos e Ancestralidade”.

Graças pelas possibilidades de ofertar e gerar impactos na infraestrutura do território e da economia dos agentes comunitários e profissionais, envolvidos das diferentes formas e frentes no projeto do Festival, garantindo o fortalecimento e bem estar coletivo.

Centro Cultural Quilombo do Catucá



Capítulo 1

**TUDO  
COMEÇA  
COM FLÁVIA**



PÁGINA ANTERIOR

Mãe Flávia de Iansã, matriarca do Quilombo do Catucá.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

Fabiana, Israel César, Flávia e Fábila, em 2019.

Foto: Acervo familiar / Quilombo do Catucá

Flávia Giane Carvalho da Silva, nascida e criada em Camaragibe, região metropolitana do Recife. Pernambuco, nordeste do Brasil, no Sul Global.

A menina Flávia não teve uma vida fácil, ainda criança teve que dar conta de responsabilidades que não eram pra gente de sua idade. Tendo sido criada por primas e tias, Flávia não soube bem o que era colo de mãe e pai. Em consequência disso, sempre soube o valor e a importância da irmandade com Fabiana, sua irmã mais nova, que em breve conheceremos como Tia Bica, foi uma grande parceira, para a vida inteira. Além dela, Flávia tinha mais irmãos: Fábila, Israel, Mirian...

Precocemente, Flávia descobriu o que era ser esposa: aos 11 anos se envolveu com um rapaz de 21 anos. Quando descoberta, teve que morar junto com ele e, por anos, viveu uma vida difícil. Ainda hoje, isso faz parte da realidade de muitas meninas-moças que têm suas infâncias e juventudes atravessadas. Passou por muitas dificuldades ainda adolescente por conta do casamento precoce. Flávia foi mãe muito cedo, teve dois filhos: Elaine, aos 15 anos, e Deybson, que nasceu quando ela tinha apenas 17.

Infelizmente, assim como aconteceu com ela, seus filhos nem sempre puderam a ter por perto enquanto cresciam. Por conta do alcoolismo do pai das crianças, Flávia separou-se e contou com o apoio de familiares, e de sua irmã Fabiana em especial, para criá-los. Trabalhou muito para isso e, em meio a essas responsabilidades, também



Deybson, o filho caçuta; Allan, o primeiro neto; Elaine, a primeira filha e Mãe Flávia.  
Foto: Acervo familiar / Quilombo do Catucá

PÁGINA SEGUINTE  
Culto à Exú na Jurema Sagrada.  
Ilê Axé Oyá T'Ogum, 2022.  
Foto: Rennan Peixe

teve alguns outros relacionamentos. Por conta de um deles, Flávia teve que sair de onde viveu a vida inteira para dar fim às perseguições e ameaças de um companheiro que não aceitou o término da relação.

Em meados de 1993, percebendo o perigo que a jovem passava, seus familiares se juntaram para custear uma passagem de ônibus de Pernambuco a São Paulo. Lá, Flávia morou com uma família próxima de uma tia. Não foi bem tratada, mas tinha um teto para ao menos dormir. Até o dia em que incorporou, pela primeira vez, o Exu Tranca-Rua. Assustando a família, cristã e conservadora, e recebendo o recado de que era preciso cuidar da espiritualidade, por ela e pelos próprios filhos.

Não era, porém, a primeira entidade espiritual que se manifestava através do corpo de Flávia. Quando criança, na rua onde ela morava, havia um terreiro e amigos e vizinhos de infância contam que, mesmo pequena, seu Caboclo já se fazia presente. Por conta disso, seu apelido era Maria Florzinha - em referência a Comadre Fulôzinha, uma entidade da





mitologia indígena e que também tem uma relação de intimidade e proteção com as matas, assim como os Cablocos.

Após esse primeiro episódio com Seu Tranca-Rua, Flávia foi expulsa da casa e passou alguns dias dormindo na rua. Foi na Praça da Sé, em São Paulo, que foi tocada pelas palavras de uma senhora, negrinha como ela. O recado era de que ela tinha força suficiente para conseguir o que era preciso para viver melhor ali naquela cidade. Nesse momento, Flávia se levantou, pegou um jornal e foi tentar a vaga de lavadeira que viu nos classificados. Conseguiu o emprego e, com a estabilidade que ele promoveu, pode proporcionar a si, aos filhos e à irmã que tinha ficado com a responsabilidade de cuidado deles, em Camaragibe, algumas melhorias de vida.

Ao mesmo tempo em que se estabilizou profissionalmente, deu início a seus cuidados espirituais. Iniciou sua vida no Candomblé de surpresa: teve a determinação da Orixá Iansã que fosse iniciada num momento em que a casa estava em função religiosa. Além de Iansã, Ogum, Oxum e Xangô também acompanharam os caminhos de Flávia de pertinho a partir da iniciação.

Iansã, senhora dos raios, ventos e tempestades. Orixá de movimentos, que guerreia e também faz a travessia das almas entre o mundo que vivemos - Aiyê -, ao mundo espiritual -, Orum. Ogum também é um Orixá guerreiro, que abre os caminhos para as conquistas. Oxum, dona do ouro e da prosperidade, Orixá demonstra que também se guerreia sem armas e com muito mel na ponta da língua e afetividade. Xangô, que é Rei, é o Orixá do fogo, da justiça e das grandezas. Esses regeram o Orí (cabeça) de Flávia em vida e permanecem por perto dos filhos que ela preparou para dar continuidade ao que ela, com muito esforço, construiu.

Não demorou muito para que Flávia precisasse voltar a

Camaragibe para, literalmente, salvar seu filho caçula, que estava passando por maus tratos na casa da



família do próprio pai. Elaine e Deybson ficaram aos cuidados da irmã de Flávia quando ela saiu em retirada para São Paulo, mas no dia dos pais, em 1995, o mesmo quis que eles ficassem juntos. Apenas Deybson foi autorizado a ir e dessa visita ele acabou tendo que morar com o pai, a avó paterna e seus primos.

Temendo pela falta de cuidados que o menino estava recebendo lá, a irmã de Flávia tentou contato incessantemente com ela para resolver a situação. Por Deybson estar com o pai, somente a mãe poderia reivindicar e recuperar a criança daquele local que não dedicava o amor e o cuidado que a criança precisava. E foi o que Flávia fez. Assim que soube da situação, deu um jeito e pegou um ônibus de volta a Pernambuco. Três dias de estrada, chegou em Camaragibe e nem em casa passou. Foi direto na casa do ex-companheiro para buscar sua cria: “eu vim buscar meu filho!”. Afinal, ele se recusou a cuidar das crianças quando ela precisou sair da cidade e agora estava maltratando uma delas.

Ela só precisava da certidão de nascimento de Deybson para poder levá-lo com ela de volta a São Paulo. Não tendo a colaboração do ex-companheiro, conseguiu tirar a segunda via no cartório e voltou para a capital paulista com seu filho debaixo do braço. Entretanto, Deybson não se adaptou ao clima paulistano e desenvolveu um problema renal muito sério. Flávia optou por voltar para casa, em Camaragibe, para realizar os cuidados médicos necessários.





Aos cinco anos, ainda em 1995, seu filho ficou internado por 15 dias - um período que ela entendeu como sendo sua peregrinação. Foi um momento de reflexão e compreensão da vida que ela não conseguiu ter quando se iniciou no Candomblé, devido aos contratempos.

No hospital, as notícias não eram boas, os médicos suspeitavam de que ele precisaria passar por um processo de hemodiálise, procedimento médico que dá conta das atividades que um rim doente não consegue mais cumprir. Do desespero da mãe, veio uma saída encantada de salvação. Os erês (entidades que representam o axé das crianças) tentaram manifestar de muitas formas que se Flávia firmasse uma proposta, o seu filho iria se recuperar. Foi assim que teve início a festividade das crianças, que abriu a primeira janela do seu futuro terreiro, o Ilê Axé Oyá T'Ogum, também conhecido como Quilombo do Catucá, em Camaragibe.

### **Mulher, faz uma promessa!**

Após a notícia da possibilidade de que Deybson precisaria passar por hemodiálise, Flávia foi para casa trocar as roupas, organizar algumas coisas e depois voltou ao hospital. No meio do caminho, viu muitas crianças passando. Durante todo o trajeto do ônibus elas apareciam de forma incomum. Era tempo de preparação para as festas de Santos Cosme e Damião, que no sincretismo religioso brasileiro se relacionam aos Ibejis, entidades que representam as crianças na tradição africana yorubá, filhos gêmeos de Xangô e Iansã. E parecia que eles estavam tentando chamar a atenção dela.

---

“Ela inclusive não sabe se foi coisa da cabeça dela ou se a cena aconteceu. Mas ela sempre



evidencia que foi como se chegasse um negócio no ouvido dela e dissesse: ‘mulher, faz uma promessa!’”

#### Conta Elaine

Em algum momento do trajeto, Flávia decidiu fazer uma promessa aos santos Cosme e Damião pela saúde de Deybson. Tanto eles, quanto os Ibejis são representações que curam e cuidam, especialmente, das crianças. No Brasil, existe uma cultura de ofertar doces e outras guloseimas no dia 27 de setembro para celebrá-los. Flávia prometeu fazer essa oferta durante sete anos, mas não conseguiria realizar no dia 27 que estava mais próximo. Então, decidiu que faria no dia das crianças, celebrado em 12 de outubro.

Por estar há duas semanas acompanhando o filho no hospital, o ponto de apostas que Flávia trabalhava estava fechado e não estava gerando renda naquele momento. Inicialmente, por este motivo, ela começou a pedir ajuda de pessoas próximas para realizar aquele Cosme e Damião. Posteriormente, entendeu que essa era uma missão a ser cumprida coletivamente, mesmo que ela tivesse condições financeiras de bancar todos os custos da realização do evento.

De volta ao hospital, as notícias que os médicos traziam sobre a atualização do quadro de Deybson eram outras completamente diferentes da que ela levou para casa. Em pouco tempo, seu filho saiu do hospital sem sequelas e sem precisar tomar mais nenhuma medicação. A única explicação de Flávia foi a fé e o apoio dos seres encantados que a acompanham e guiam.

Com muito apoio de sua irmã Fabiana - a Tia Bica -, durante os sete anos, Flávia realizou a festa das crianças. Ela celebrava os Ibejis, santos Cosme e Damião, Deybson e também a ela mesma, que teve a infância atravessada por muitas adversidades.

Distribuição dos saquinhos de doces, popularmente conhecidos como “saquinhos de Cosme e Damião”, durante a Festividade das Crianças na comunidade do Viana, em Camaragibe.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

Mãe Flávia e Deybson já adulto, nunca mais apresentou problemas sérios de saúde.  
Foto: Acervo familiar / Quilombo do Catucá

Em 1995, foram distribuídos somente 50 saquinhos no bairro Novo Carmelo, no centro de Camaragibe, onde ela morava. Depois, seguiu até o bairro de Santa Mônica, numa ocupação onde Tia Bica morava (Comunidade de Arara I). Bica foi a grande parceira de Flávia durante toda a vida. Como ela mesma conta, deixou de estudar para poder prestar o apoio e os cuidados a Elaine e Deybson, enquanto Flávia saía para trabalhar e prover o sustento da casa em que moravam. Foi e ainda é uma das maiores colaboradoras e dedicada à Festividade das Crianças. Hoje, não é somente tia de Elaine e Deybson, mas de filhos e amigos do Quilombo do Catucá. Testemunha ocular e, por vezes, “cúmplice” na história de vida de Flávia, Elaine e Deybson.

A partir de 1996 outras coisas foram sendo implementadas e aprimoradas: bolo e refrigerante, quebra-panelas, pau de sebo e outras brincadeiras tradicionais que se





perderam com o tempo e novos costumes que foram desenvolvidos socialmente.

Elaine, a filha mais velha de Flávia, conta que realizar essa festa era muito importante para Flávia se encontrar também com sua própria criança. Além de viabilizar que outras pessoas adultas, que também não puderam viver plenamente a infância e a primeira adolescência, alcançassem essas memórias e pudessem viver esses momentos.

Desde que Flávia voltou de São Paulo, as duas foram construindo uma relação de mãe e filha que, por vezes, parecia mais irmãs. Elaine acompanhou bem de perto toda a trajetória de retomada com a religiosidade da mãe e dividiu muitas responsabilidades com ela. Como gosta de lembrar, Elaine trabalhava no mundo corporativo e teve certa resistência para assumir os compromissos da religiosidade do Candomblé e da Jurema.

Os sete anos da promessa acabaram e a festa continua anualmente, há mais de 20 anos - e mesmo com pan-

Mãe Flávia (de camiseta rosa) e Tia Bica (de camiseta azul estampada) distribuem maçãs do amor durante a Festividade das Crianças, em 2018.  
Foto: Evandro Amaro

Tia Bica durante a Festa das Crianças, em 2021.  
Foto: Maria Clara / Raiz D'Maria

Brincadeira tradicional da corrida do saco. Festividade das Crianças, em 2021.

Foto: Maria Clara / Raiz D'Maria

PÁGINA SEGUINTE

Brincadeira tradicional do quebra-panela. Festividade das Crianças, em 2021.

Foto: Rennan Peixe

demia de Covid-19 e o encantamento de Mãe Flávia, 2020 não foi excessão - como continuidade aos costumes que Mãe Flávia criou junto de sua casa, sua família e seu axé. Hoje os netos de Flávia - Allan Miguel, Adeloyá Dandara e Odará Luanda -, também vivem essa festa e todos os outros frutos que a fé e a persistência de sua avó plantou.

Até 2004, sua ligação com a espiritualidade se deu, principalmente, por conta da Festa das Crianças. Neste ano, com a mudança para o bairro do Viana, ainda em Camaragibe, algumas coisas começaram a mudar. Flávia deu início a uma expansão da relação com seus orixás e entidades da Jurema Sagrada.









Mãe Flávia e Elaine durante a Samba do Catucá.  
Foto: Acervo Quilombo do Catucá

Mãe Flávia prestigia com orgulho a formatura de seu neto Allan, o mais velho, filho de Elaine.  
Foto: Acervo familiar / Quilombo do Catucá







Elaine, Moabia grávida de Adelayá e Mãe Flávia.

Mãe Flávia com sua neta Adelayá Dandara, filha de Deybson e Moabia, nos braços.

Fotos: Acervo familiar / Quilombo do Catucá

## Os caminhos religiosos de Mãe Flávia de Iansã

Desde a estadia em São Paulo, Flávia tinha ciência de que ela teria que abrir a sua própria casa de axé. No entanto, ela sempre fugiu dessa responsabilidade. Ao mudar-se para o bairro do Viana, em Camaragibe, começou a frequentar alguns terreiros de Jurema e se aproximar novamente das práticas da religiosidade de matriz africana e indígena, mas ainda não tomava a frente de cuidar de sua espiritualidade no seu próprio espaço.

Por desviar de seu caminho de Iyalorixá, Elaine conta que Flávia viveu muitos altos e baixos. Uma “montanha russa de progressos e regressos na vida”, como conta, mas que era um pouco aliviada pelo jeito intenso que Flávia gostava de aproveitar a vida.

Uma mulher alegre, agitada, criativa e disposta, embora a realidade nem sempre se apresentasse simples para ela. Flávia trabalhou como autônoma durante toda a vida. Ela chegou a ter sucesso em um bar e restaurante próprio, mas precisou fechar para tentar acompanhar a vida instável de um companheiro que foi detido e preso, mas mesmo sendo uma pessoa que corria por fora dos limites das leis, ele apresentou a Flávia uma noção de maturidade que ela ainda não tinha. Um homem que era mais velho que ela, na idade e também na vivência religiosa. Como ela, ele também tentava fugir das responsabilidades nesse campo. Com ele, Flávia foi provocada a dar um rumo mais certo à sua relação com sua família, os Orixás e a Jurema Sagrada.

Com o encarceramento do companheiro, Flávia decidiu fazer uma outra promessa. Dessa vez à Mestra Ritinha, Mestre Zé Bebinho, Pombagira Maria Padilha e Exu Tranca-Rua, entidades cultuadas na Jurema, que já haviam se apresentado a ela enquanto protetores e guias em outros momentos da vida. A eles, Flávia prometeu que se o compa-





PÁGINA ANTERIOR

Orixá Iansã/Oyá, interpretada por Tamires Carneiro, no filme "Iansã - o que o vento nos trouxe", uma realização do Quilombo do Catucá (2021).

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

Pombagira Maria Padilha, guardiã de Mãe Flávia e tantas outras mulheres.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

nheiro fosse liberto, ela pararia de resistir e cuidaria da sua Jurema em casa. Promessa alcançada é promessa cumprida. Foi assim que Flávia deu início aos cuidados no Ilê Axé Oyá T'Ogum, com a abertura dos trabalhos na Jurema.

Uma das primeiras festividades que Flávia agregou em sua vivência religiosa foi a Festa dos Pretos e Pretas Velhas. Entidades cultuadas na Jurema Sagrada e na Umbanda, que viveram o período da colonização e escravidão, ocuparam a função de liderança, sabedoria ancestral e alento para os negros e outros escravizados do período. Em seu culto, as oferendas em sua maioria são comidas simples, feitas de coco e milho geralmente, típicas de regiões rurais, como a pamonha, milho cozido e bolo de macaxeira.

Autônoma que era, Flávia sempre ficou de olho nas festividades populares para entender de que forma poderia levantar algum dinheiro. Essas comidas citadas geralmente têm uma alta na procura durante os meses de maio e junho, meses em que acontece o período de festas juninas: a celebração de Santo Antônio, São João e São Pedro. Mas Flávia percebeu que conseguia ter um bom retorno financeiro com essas comidas durante o ano todo e associou essa prosperidade à benção das Pretas e Pretos Velhos. Então, deu início a uma festa de agradecimento a eles.

No dia 13 de maio, data da assinatura da Lei Áurea, que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil, mas não previu nenhum tipo de reparação a quem foi escravizado - leia-se sem posses ou renda - por gerações. Uma data não reconhecida pelo Movimento Negro no Brasil, que adotou o dia 20 de novembro como data para celebração da resistência e cultura negra, também é marcada como homenagem à memória do líder quilombola Zumbi dos Palmares. Após a abolição, uma ação completamente formal, foram eles que guiaram os ex-escravizados na situação de vulnerabilidade social que a libertação da Lei Áurea os colocou. Por isso, em maio, terreiros festejam os Pretos e Pretas Velhas, ressignificando o dia

13 como seu e, no Quilombo do Catucá, não foi diferente. Mãe Flávia seguiu desenvolvendo somente a Jurema em sua casa até 2017, quando precisou encaminhar as questões com os Orixás. Com a aproximação de Mestre Maureliano Ribeiro, que chegou junto para somar com as atividades culturais da casa (que veremos no próximo capítulo), veio também um presente que demandava muita responsabilidade: o Maracatu Nação Cabeça de Nêgo. A responsabilidade que um Maracatu Nação exige, era a que Mãe Flávia se esquivou durante a vida inteira. Patrimônio Imaterial do Brasil, nascido em Pernambuco, o Maracatu tem uma íntima relação com a religiosidade de matriz africana. Sendo símbolo de resistência do Candomblé por gerações, eram os batuques do Maracatu que permitiram o exercício de fé e memória dos escravizados que chegavam e sentiam a necessidade de permanecer em contato com a religiosidade do país de onde veio.





Além de celebrar quem conseguiu chegar vivo após a travessia até o Brasil, um cortejo de Maracatu Nação também rememora os reis, rainhas e entidades importantes que ficaram em África. As calungas, bonecas que representam rainhas ou entidades, também são essenciais e trazem o caráter sagrado dessa manifestação. Para um Maracatu sair na rua, é preciso estar em dia com a espiritualidade, tanto no Candomblé quanto na Jurema Sagrada, e Mãe Flávia sabia disso.

---

“Maracatu tem um negócio de religiosidade, Elaine. Pois tu acredita que o Orixá, Iansã, fez o que fez pra me empurrar de todo jeito nesses negócios? Tu já visse? Essa mulher é virada. Tanto que eu fiz, eu corri, ela deu um jeito, me encurralou de um lado, me encurralou do outro e me botou. Eu não posso sair com um maracatu sem mexer nas coisas de religião, Elaine!”

**Mãe Flávia em conversa com Elaine, sua filha e companheira de todas as horas**

Houve toda uma preparação para lidar com o Maracatu. Mestre Maureliano indicou como elas deveriam se preparar para tocar a Nação e é nesse momento que Elaine fica ainda mais próxima da religiosidade que já vinha sendo cultuada dentro da casa e da vida da sua mãe. Na mesma noite em que recebeu o exemplar do livro “Maracatus em Recife” do compositor e pesquisador Guerra Peixe, Elaine ficou com a responsabilidade de ler e sentiu-se vigiada enquanto lia em sua casa. Passou a noite acordada, lendo e, pela manhã, chegou na casa de Flávia: “esse povo (entidades) me aperreou a noite todinha e não parou enquanto eu não terminei de ler tudo”, reclamou pra mãe. Então, partiram em direção à casa de Pai Noé em busca de aconselhamento espiritual.



A relação com esse sacerdote, Babalorixá e Juremeiro do Castelo de Iansã, em São Lourenço da Mata, também se deu a partir da cultura. A casa de Flávia, foi se tornando um espaço de referência na Cultura Popular de Camaragibe e cidades próximas. Pai Noé tinha entrado em contato com Flávia em meados de 2014, queria conversar sobre as possibilidades do Maracatu Gavião de Ouro, de seu terreiro, se apresentar no espaço que o Quilombo Catucá dedica às manifestações culturais. Ele foi a primeira referência que Flávia pensou para dar início a mais essa etapa de sua casa de axé e de sua vida espiritual.

Chegando lá, Pai Noé confirmou que alguns trabalhos deveriam ser feitos para que Flávia pudesse assumir, de fato, a condução do Maracatu. Foi com ele que ela fez as obrigações necessárias para fortalecer sua cabeça e renovar os assentamentos de seus Orixás. Para o primeiro ano da saída do Cabeça de Nêgo, em 2018, nem tudo havia sido feito, mas a permissão para colocar o cortejo na rua foi dada. E, finalmente, em 2019, o Maracatu saiu na rua com tudo certo.

Nesse processo de reorganização espiritual de Mãe Flávia, Elaine sentiu-se tocada a cuidar da espiritualidade dela. Formada em processos gerenciais e, na época, cursando psicologia, apesar do contato com diferentes vertentes que lidavam com espiritualidade, a primogênita de Flávia foi a que mais teve resistência ao processo religioso. Deybson, até por razões do ambiente em que ele transitava, favorecendo esse contato e interesse pelos saberes ancestrais africanos e indígenas, se aproximou mais rápido da Jurema Sagrada e foi iniciado no Candomblé, para o Orixá Oxalá, por Iyá Luíza de Oxum.

Com o intuito de entender seus caminhos, Elaine foi se consultar com Pai Noé e de lá saiu com a orientação de uma série de banhos de ervas e outros elementos para que, na próxima consulta, as respostas se tornassem mais nítidas.

Em frente ao Ilê Axé Oyá T' Ogum, Elaine e Moabia carregam as calungas. As bonecas são fundamentos do vínculo entre o terreiro e o Maracatu Nação Cabeça de Nêgo.

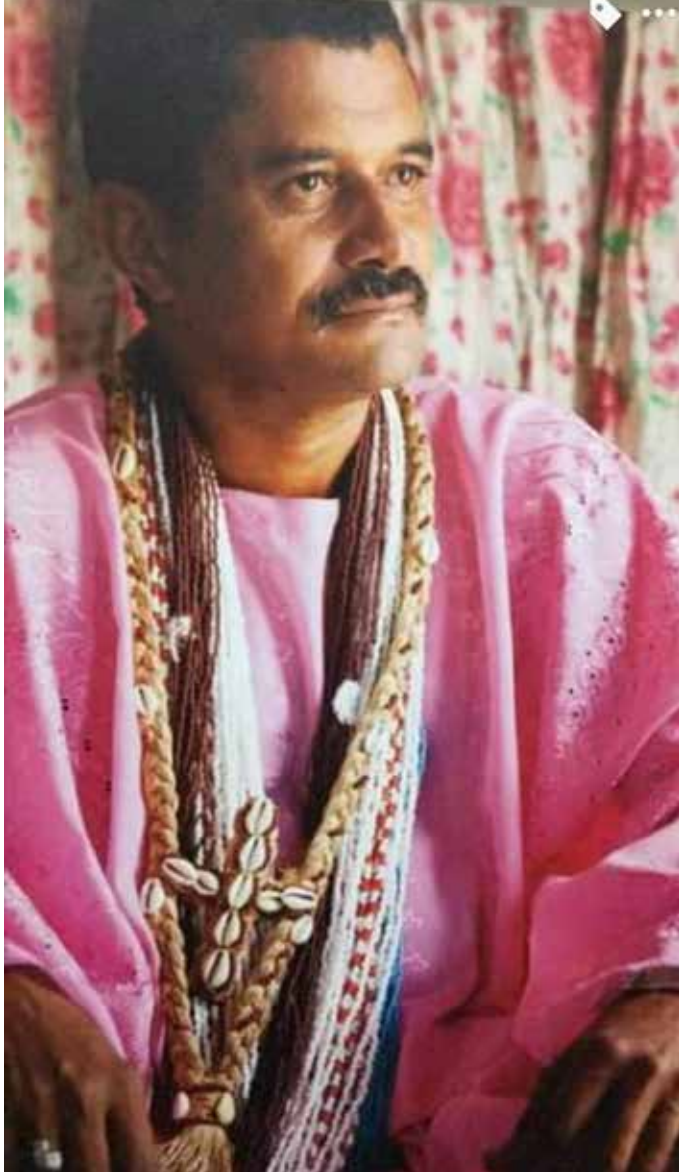
Fotos: Evandro Amaro



das. Mãe Flávia, empolgada com esse passo da filha, ajudou na missão. Ia atrás das ervas e folhas, orientava como fazer da melhor forma e estava sempre por perto, como de praxe na relação das duas. Acabou que Oxum confirmou ser a primeira Orixá a acompanhar e proteger Elaine, quando ela estava em casa. O terreiro estava em função de oferecer um agrado para a divindade, que se apresentou e através de Elaine para receber. Junto com Obaluayê, Yemanjá e Xangô, a filha mais velha de Mãe Flávia deixou de resistir aos caminhos que se apresentavam. Pai Noé acompanhou todo esse processo.

---

“Eu sempre ia com ela. Era tico e teca. A gente brigava muito porque a gente era muito parecida, em muitas coisas, mas andava sempre muito



junta. Carne e unha. Eu só não andava muito com ela quando eu tava trabalhando”.

#### **Elaine sobre Mãe Flávia**

Juntas, assumiram a gestão do Maracatu, faziam as obrigações, organizavam o grupo, lidavam com as outras pessoas envolvidas. Com apoio de Deybson, Tia Bica, Tio Gal e amigos da comunidade, elas iam dando conta e direcionando tudo que foi se criando dentro da casa. Além do Maracatu, do grupo de Coco, da festa das crianças e das atividades voltadas à questão religiosa, o Quilombo do Catucá desenvolveu outras atividades como uma biblioteca comunitária, aulas de reforço para as crianças da comunidade, um bazar colaborativo e gratuito, que fornecia roupas

Pai Noé de Iansã.

Pai Noé, Flávia de Iansã e Eivaldo de Yemanjá, em 2019.  
Fotos: Acervo familiar / Castelo de Iansã e Quilombo do Catucá





Deybson de Oxalá e Pai Noé de Iansã nas matas de Camaragibe, em 2020.  
Foto: Acervo Quilombo do Catucá



Ìyá Luíza de de Oxum conduz a cerimônia de Deybson de Oxalá, recém-iniciado no Ilê Axé Ìyá Omi Osinã, em Recife, no ano de 2013.  
Fotos: Rennan Peixe

a quem precisasse e passasse para pegar. Além de um sopão e a distribuição solidária de verduras que foram incorporados. A maior parte dessas atividades foi suspensa durante a pandemia, com exceção daquelas que ofereciam um suporte à comunidade e a quem precisasse de acolhimento e fortalecimento junto à espiritualidade.

## A partida, o encantamento, o nascimento...

Nos últimos meses de 2019, Mãe Flávia começou a apresentar alguns sintomas pelo corpo. Havia perdido o movimento de um dos olhos e relatava uma dor corriqueira nas costas, nas pernas e no joelho. Por ter tido uma vida de muita correria para arcar com as responsabilidades da família e da casa, ninguém imaginava que esses eram indícios do que veio a ser a passagem da Ìyálorixá ao mundo espiritual. Ela nunca negou força de trabalho e fez muito esforço braçal durante a vida. Sendo chefe de família e estando longe dos cuidados da própria, que a enxergavam como “ovelha perdida”, usando uma referência cristã em seu sentido mais conhecido, Mãe Flávia sempre foi disposta.

Com esses sintomas, ela começou a ir aos hospitais em busca de uma resposta e conseguiu: o que ela tinha era um meningioma de 5 centímetros em cima do bulbo (cérebro) que estava interferindo nos seus sentidos. Um tumor cerebral, um dos mais comuns, que, embora fosse benigno, submeteu Mãe Flávia a uma cirurgia com muitos riscos. Foram três meses internada no hospital aguardando a cirurgia. Em casa, a maior correria para reformar o espaço para recebê-la de volta, pois os médicos alertavam que ela poderia precisar de cadeira de rodas a partir de então.

Foram meses de muita luta: Deybson estava escrevendo uma dissertação e se dedicando muito aos cuidados com sua esposa, Moabia, para o nascimento de sua segunda filha, Odará Luanda. Elaine trabalhava para prover o recurso financeiro de preparar a casa para o retorno de sua mãe. Enquanto tudo isso acontecia, a casa não parou.

Quando Mãe Flávia se internou era setembro e a festa das crianças, em outubro, estava em vias de acontecer. E aconteceu, a Ìyálorixá orientou que continuassem o que já estava encaminhado. Ela sabia que Elaine, Deybson e Tia Bica tinham plenas condições para realizar a festa. Ainda

Odará Luanda nos braços da mãe, Moabia, durante festividade de Iansã, em 2020.  
Foto: Stefany Lima

pediu que fossem levadas algumas sacolinhas ao hospital, para que ela pudesse entregar às pessoas e se orgulhar dessa tradição que foi consolidada em conjunto com a sua família e a comunidade.

No dia 26 de janeiro, Flávia Giane Carvalho da Silva fez sua passagem ao Orum.

---

“Elaine, se eu morresse agora, eu sei que eu tenho coisa pra contar de uma pessoas de 80, 90 anos. Eu vivi muita coisa”

**Mãe Flávia em conversa com a filha Elaine, enquanto estava internada.**





Esse foi um momento de muitos nascimentos: o de Mãe Flávia enquanto ancestral, Elaine e Deybson enquanto zeladores do Ilê Axé Oyá T'Ogum e o Centro Cultural Quilombo do Catucá. Além de Odará, a terceira neta, fruto da união de Deybson e Moabia, que Mãe Flávia não pode conhecer pessoalmente, mas carrega sua continuidade.

Desde então, a casa passa por um período de recomeço e rearranjos internos. Todos seguem fazendo sua parte a partir do que aprenderam com Mãe Flávia e com a dinâmica que as coisas aconteciam e acontecem coletivamente no Ilê Axé Oyá T'Ogum.

Mãe Flávia nunca reivindicou perfeição. Tinha a preocupação em ser vista com humanidade, uma pessoa que erra e acerta. Ela também não gostava que sua história de vida fosse o centro ou o norte do terreiro, queria ser vista enquanto humana. Foi desse jeito que Mãe Flávia marcou vidas por toda Camaragibe e hoje tem seus filhos e filhas dando continuidade ao que, com muito suor, luta e festa, ela trilhou em seus 46 anos de vida.

---

“Afirmar a memória de Mãe Flávia é afirmar a memória de todos nós.”

**Deybson Albuquerque, filho de Mãe Flávia**



Entidades da Jurema de Mãe Flávia.  
Foto: Acervo familiar / Quilombo do Catucá



Capítulo 2

**O FESTIVAL DE  
ARTE E CULTURA  
QUILOMBO  
DO CATUCA**

Ao mesmo tempo em que a questão da religiosidade vinha sendo desenvolvida aos poucos, a expressividade artística também. Já jovem, Deybson começou a cursar Geografia na Universidade de Pernambuco, cujo campus se localiza na Zona da Mata Norte pernambucana, mais especificamente na cidade de Nazaré da Mata. Lugar de grande efervescência cultural, berço de brinquedos e manifestações populares que são marcas do estado, como o Cavalo Marinho, o Maracatu Rural e o Caboclo de Lança.

É nesse cenário que Deybson cria um contato mais próximo com a cultura popular. O ônibus que fazia o traslado entre as cidades próximas com Nazaré e as praças da cidade também cumpriram um papel de formação nessa área. Ele, que desde criança já era um bom rimador, escrevia músicas de rap, logo foi percebido por Rennan Peixe, um amigo próximo, e abordado para criar um grupo de coco.

Rennan frequentava a casa onde Deybson, Flávia e Elaine moravam e observou que ali dentro tinha tudo o que era preciso para a criação de um grupo de Coco. Flávia sempre foi muito animada. Quando os meninos ficavam brincando de cantar e tocar Coco no quarto, ela também participava cantando da cozinha. Elaine ficava no meio de tudo isso, só observando a movimentação.

Um dia, Peixe chegou com uma proposta de show e, no susto, o grupo Coco do Catucá foi criado. Deybson conseguiu instrumentos emprestados e Flávia com um pouco de dinheiro que tinha foi atrás de comprar chita – tecido tradi-





cional, barato e muito utilizado em diversas expressões populares – para o figurino.

Então, chamaram mais gente da família e amigos próximos, fizeram alguns ensaios e foram se apresentar no Bar do Fuscão Preto, em Paulista. Chegando lá, uma confusão entre os sócios do estabelecimento fez a apresentação ser cancelada. Persistente que era, Flávia não permitiu que toda a preparação que fizeram para estar ali fosse em vão. Definiu que a apresentação seria na beira da praia, onde já estavam. O show começou antes que a estrutura mínima que conseguiram fosse instalada.

Ali começou o grupo Coco do Catucá. A partir dessa apresentação improvisada em frente ao mar, se lançaram no mundo e começaram a ser convidados para se apresentar em outros lugares. O desenrolar dessa história demandou que obtivessem uma estrutura própria tanto para tocar, como para ensaiar. Foi nesse processo que o Centro Cultural Quilombo do Catucá foi se estruturando e atraindo para perto o Mestre Maureliano Ribeiro, integrante importante na história do Ilê. Foi com ele que Deybson encomendou os primeiros instrumentos do grupo.

Lilo, Elaine e Moabia no espaço do Centro Cultural Quilombo do Catucá, onde acontecem as sambadas. O tradicional tecido de chita faz parte da cuidadosa decoração.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

As sambadas no Quilombo Catucá, como são conhecidas as apresentações de grupos de coco e de outras manifestações populares, começaram a acontecer em 2013, na Rua Ana Alves, comunidade do Viana, em Camaragibe. Em pouco tempo, foram fazendo parte do cotidiano dos moradores do entorno, de artistas brincantes da cultura popular, da agenda cultural de Camaragibe e cidades próximas.

Através das sambadas, parte significativa dos filhos e afilhados do axé de Mãe Flávia, que hoje dão continuidade aos caminhos da casa, chegaram até ela. A cultura foi e é uma ponte potente entre a religiosidade e a responsabilidade social e Flávia sempre soube disso.

---

“Através da cultura me apaixonei e aprendi a lutar com resistência, principalmente por saber que estava lutando pelos meus antigos que não conseguiram lutar como eu. Às vezes ficando revoltada porque nós, sociedade, temos tanta força e ao



Tia Aldenice, Mãe Flávia, Deybson e Mestre Maureliano Ribeiro na IX Caminhada de Oxum de Camaragibe, em 2018.

Foto: Malu Aquino



Sambada Coco do Catucá  
Fotos: Acervo Quilombo do Catucá



Sambada Coco do Catucá  
Foto: Marília Vilas Bôas

Mãe Flávia na IX Caminhada de Oxum de  
Camaragibe, em 2018.  
Foto: Malu Aquino

invés de nos juntarmos, acabamos usando essa força para lutar contra o outro. [...] Tenho certeza que sou e continuarei sendo alguém importante para o meu povo. [...] Abri minha casa e meus ouvidos para todos os tipos de preocupação e no fim todos saíram satisfeitos. Hoje eu sei o meu lugar, eu sei pra que vim.”

**Mãe Flávia de Iansã, em entrevista para a série “Histórias de mandinga e peleja”, em 2015**

Foi enxergando nela uma liderança verdadeiramente comunitária, no sentido de não buscar melhorias e conquistas individuais antes das coletivas, que Mestre Maureliano sentiu a confiança que precisava para dar de presente um maracatu que ele cuidava, mas por adversidades internas, foi ficando parado. Todos contam que foi muito rápido, além de inesperado, entre o oferecimento e o recebimento do Maracatu Nação Cabeça de Nêgo.

Fazendo parte da vida cultural da vizinhança, chegou o tempo em que o Quilombo Catucá se tornou um espaço com reconhecimento e autonomia para promover discussões que ainda eram pensadas com muito tabu na comunidade do entorno e na sociedade em geral. O Festival de Arte e Cultura surge a partir de demandas que foram trazidas por brincantes, frequentadores da casa e da própria comunidade. A primeira edição aconteceu em 2016 com a temática de gênero. Depois, o evento passou a ser anual.

O que diferencia o Festival das Sambadas é o planejamento de uma programação com direcionamento formativo e educativo, através de diálogos, oficinas, além das apresentações culturais de linguagens diversas (música, dança, teatro, performance, culturas populares, culturas urbanas, etc). O Festival é a proposta de ampliar esse encontro e também oferecer novas possibilidades de reflexão e ação com quem participa.

Desde a primeira edição, as temáticas do Festival envolvem gênero e território, presentes no dia a dia do Quilombo e da vida nas comunidades periféricas, mas ainda pouco discutidas (por incrível que pareça). Com este



Maracatu Nação Cabeça de Nêgo em cortejo na Vila da Fábrica, Camaragibe, em 2019.  
Foto: Evandro Amaro



evento, o Catucá consegue dialogar e provocar reflexões para toda a comunidade que está por dentro das ações do espaço.

### **“Um quilombo não se faz com uma pessoa só”**

Em 2021, aconteceu a primeira edição do Festival de Arte e Cultura do Quilombo do Catucá sem Mãe Flávia fazendo parte da organização. Desde o seu falecimento, os filhos da casa têm, aos poucos, dado continuidade ao legado que a matriarca deixou.

Com uma situação mais controlada diante da pandemia de Covid-19, o coletivo já vinha pensando possibilidades para a retomada de algumas atividades culturais, até ser contemplado pelo Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice (GRRIPP), um proje-

Organização do espaço para as gravações das apresentações culturais, através da mobilização e mutirões da comunidade local.

Fotos: Acervo Quilombo do Catucá

to de colaboração e troca de conhecimentos implementado por universidades de todo o mundo. Essa foi uma das primeiras atividades a ser realizada com apoio de um financiamento internacional.

O V Festival foi, então, realizado com o tema "Gênero, territórios periféricos e ancestralidade" em formato híbrido (presencial e virtual), com gravações de apresentações culturais e rodas de diálogo gravadas no espaço do Catucá, que foram disponibilizadas ao público através das redes sociais Instagram, Facebook e YouTube, além das oficinas ofertadas através da plataforma Zoom. Mesmo esse sendo um evento que prioriza bastante o contato pessoal, a proximidade dos corpos e as trocas, assim se fez necessário. A





formação das equipes buscou fortalecer pessoas que já participavam das atividades no Centro Cultural Quilombo do Catucá e Ilê Axé Oyá T'Ogum, além da comunidade local.

“Quando a gente se prepara pra fazer evento num formato em que ele vai ser dividido, separado, intercalado, multifacetado e depois junta tudo, esse é um novo processo de fazer a arte, de agregar pessoas. Acho que é muito importante pra gente e acho que a gente tá criando um novo modelo de fazer evento, um novo modelo de se apresentar socialmente. Não só devido à pandemia, não só devido ao espaço, e sim pelo formato que as atividades vão tomando ao longo da situação. Eu quero ressaltar que não é porque os grupos gravaram separados que se perdeu o axé





e a força não. Continuou com a mesma força, a mesma essência, mas de forma diferente.”

### **Eduardo na finalização das gravações das apresentações culturais em 03/11/2021**

Com o tema “Gênero, territórios periféricos e ancestralidade”, o V Festival de Arte e Cultura Quilombo do Catucá retomou questões que atravessam as vidas e cotidiano do terreiro e também das de pessoas que vivem nas periferias do entorno, física e simbolicamente.

A programação foi dividida em seis (6) apresentações culturais, três (3) oficinas formativas e três (3) diálogos temáticos chamados de “giras de falação” e demandou o comprometimento de todos da casa. A reforma do espaço onde acontecem as Sambadas do Catucá para receber as gravações e transmissões das atividades, o gerenciamento das redes sociais, a coordenação das giras de falação e oficinas e pós-produção com a sistematização dos registros, edição do ebook, entre outras questões mais administrativas.

Sob coordenação de Deybson Albuquerque, o V Festival de Arte e Cultura do Catucá contou com as apresentações do Maracatu Gavião de Ouro (São Lourenço da Mata), Afoxé Omim Sabá (Recife), Caboclinho Tupi-Guarani (Camaragibe), Mestra Ana Lúcia e Raízes do Coco (Olinda) e o anfitrião Coco do Catucá (Camaragibe). Além deles, o Sarau Arte e Cultura Urbana também fez parte do evento! Darc e Ninha (São Lourenço da Mata), Luiz Amaik (Cabo de Santo Agostinho), Eduardo Ogro (Camaragibe), Palhaço Gambiarra (Camaragibe) e o grupo Nordeste Style Crew (Recife), somaram ao Festival trazendo poesia, artes circenses, rap de mensagem e breakdance. Assim, criando o link das culturas que bebem mais da contemporaneidade com as que estão mais próximas às tradições populares.



"COM AMOR  
SE CONSTRÓI  
OS FORTES"  
- MÃE FLÁVIA -







PÁGINAS ANTERIORES

Afoxé Omim Sabá (Recife)

Foto: Amanda Batista

Maracatu Gavião de Ouro (São Lourenço da Mata)

Foto: Amanda Batista

Caboclinho Tupi-Guarani (Camaragibe)

Foto: Stefany Lima

Mestra Ana Lúcia e Raízes do Coco (Olinda)

Foto: Stefany Lima

Coco do Catucá (Camaragibe)

Foto: Amanda Batista

Darc e Ninha, Luiz Amaik, Eduardo Ogro no Sarau de Arte e Cultura Urbana.

Fotos: Acervo Quilombo do Catucá







Tamires Carneiro, pedagoga e filha do Ilê Axé Oyá T'Ogum, ficou responsável pela viabilização das giras de falação. A discussão sobre “Gênero, Ancestralidade e Escrivências Poéticas” foi facilitada pelas pedagogas e atuantes do movimento antirracista na educação básica Danyelle Oliveira e Joantina Dias e mediada por Moabia Anjos, historiadora, especialista em Museus, Identidades e Comunidades e integrante do Quilombo do Catucá. Cada uma das professoras compartilharam com os participantes sobre suas trajetórias na Educação e suas conquistas na busca pela ampliação do alcance e da aceitação da Educação Antirracista. Todo o caminho para isso passou por outras mulheres negras que, formal ou informalmente, inspiraram a partir de suas vivências e escritas.

A segunda gira de falação foi sobre “Racismo Estrutural: Combate, Resistência e Resiliência” com Elizama Mesias, pedagoga e doutoranda em Educação pela Universida-

PÁGINA ANTERIOR

Palhaço Gambiarra e Nordeste Style Crew no Sarau de Arte e Cultura Urbana.

Fotos: Acervo Quilombo do Catucá

Material educativo para elaboração das giras de falação e oficinas.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá



de Federal de Pernambuco (UFPE) e Waneska Viana, socióloga, mestra em Educação e integrante do coletivo Filhas do Vento (PE). A mediação da conversa ficou por conta de Nayara Passos, museóloga. Nesse espaço foi discutido como o racismo interferiu no cuidado com as populações periféricas e negras no tocante à pandemia. Como as mulheres negras ficaram com essa missão de cuidar dos seus e dos próximos enquanto pouca ou quase nenhuma condição de prevenção era oferecida e viabilizada nas favelas e comunidades. Falando sobre mulheres negras, a discussão sobre o feminismo negro e o movimento Mulherista Afrikan também foi abordada.

Para finalizar as giras, Stefany Lima, artista visual, arte-educadora e afilhada do Ilê Axé Oyá T'Ogum, mediou uma conversa sobre "Autocuidado, Farmácia Viva e Saberes Ancestrais Tradicionais". Para esse papo, Ìyá Luíza de Oxum, sacerdotisa do Ilê Axé Ìyá Omi Osinã; Luiza Cavalcante, agricultora afroecológica, educadora popular e mestra de saberes de cura; Edileusa Silva, uma das parteiras de maior reconhecimento no estado, trouxeram suas histórias e conselhos de vida. Os rumos da conversa tocaram bastante no fato de como a modernidade estimula que a natureza seja vista de forma utilitarista e desimportante. Seja na forma como uma criança vem ao mundo, como na forma como lidamos com o alimento que vamos ingerir. A importância de pensar a natureza que é externa ao corpo humano e a necessidade de respeitar os tempos: de plantar, de esperar, de colher, nas várias fases da vida.

A organização das oficinas ficaram por conta de Moabia Anjos. Dando início ao evento, a primeira atividade realizada foi a oficina "Sambada do Catucá: O Coco Vai Começar" com Tiago Félix, que é integrante do Traga a Vasilha, evento colaborativo de Cultura Popular, do Maracatu de Baque Virado e do grupo O Lapa De Coco; Anne Gabrielle e Luiz Maik, que são do Coco de Seu Zé Moleque (Cabo de



Santo Agostinho) e do coletivo de artistas Cabe Mais. A oficina teve o cunho teórico e prático, os artistas conversaram sobre as origens do Coco, o caráter de resistência dessa arte e referenciaram mestres e mestras locais, que são tão importantes quanto os grupos e brincantes mais novos na cultura do Coco. 77 pessoas se inscreveram para essa experiência.

A segunda oficina foi realizada com a facilitação de Júnior Foster, multi-artista e arte-educador, que propôs um acesso um pouco diferente para nossos corpos. Com a “Corpa Resistra”, os 44 inscritos puderam pensar seus corpos a partir de memórias e registros e também realizar alguns exercícios físicos que pudessem facilitar esse acesso.

A última oficina “Nos cruzos da arte urbana: Periferia e resistência”, a partir da mediação de Débora Freitas, Carlos Lima, Bárbara Espíndola e Yuri Lumin, artistas e pesquisadores das Artes Cênicas e da Dança, os 58 inscritos puderam se debruçar sobre a cultura hip hop em sua amplitude de possibilidades dentro das possibilidades e inventividade de cada um.

No total, foram 381 inscrições para as oficinas e giras de falação e 1.139 visualizações das apresentações culturais no canal do Youtube do Quilombo do Catucá. Muito além disso, essa edição do Festival de Arte e Cultura representa o quanto a caminhada e dedicação de Flávia enquanto mãe, sacerdotisa e produtora cultural rende e seguirá rendendo lindos frutos. Assim como ela quis, seus filhos e amigos darão continuidade ao que ela iniciou.

---

“Dizer pra você que esse festival pra nós, enquanto Coletivo Catucá, é de muita relevância dentro de todos os eventos que a gente já realizou. Em especial a nível emocional mesmo, porque eu estava até conversando com Deybson e com

Moabia que pra gente é realmente o primeiro passo que a gente tá dando de colocar as nossas caras do Catucá sem dona Flávia. As outras ações já vinham acontecendo, mesmo com a ida dela a gente vinha executando o trabalho com a comunidade, mas a nível de entretenimento, que é como as pessoas normalmente chegam nesse espaço, é a primeira vez. Então, é como eu disse, não vai ter um texto ensaiado, eu só tenho a agradecer a cada um que está aqui, estão aqui hoje e vem passando pelo processo todo [de realização do evento]. Preciso também, nunca é vergonhoso, pedir desculpas. Somos humanos, vão ter falhas, atritos, se caso, nesse percurso tiver acontecido, nos desculpem. Desculpem por algo, agradecemos por algo. Quero reforçar o agradecimento, dentre tantos, a Tia Bica porque depois dessa partida de mainha, ela quem nos assume nesse lugar da mãe que acolhe.”

**Elaine Albuquerque na finalização das gravações das apresentações culturais em 03/11/2021**

---

“Um outro destaque é que esse é um evento feito por todo mundo da comunidade. Foi a comunidade que escreveu, é a comunidade que está produzindo e é a comunidade que vai difundir isso. Esse já é um trabalho reconhecido por nós. São falas de agradecimentos e de convites também. Como Elaine falou, esse é só um novo início, uma continuidade. Agradeço a Flávia, minha mãe, o Axé de lansã que rege essa casa, esse Axé de força, de guerra, de luta. Que se faça presente na vida de

cada um pra que a gente possa seguir guerreando, porque o mundo é difícil, mas toda a vida foi difícil. Como diz na música do Rappa, em várias partes do mundo tem histórias de tristezas, mas tem histórias de felicidade, de luta, de vitórias.”

**Deybson Albuquerque na finalização das gravações das apresentações culturais em 03/11/2021**

**PÁGINA SEGUINTE**

As irmãs, Adelayá Dandara e Odara Luanda. Graffiti de representação das mulheres do Catucá e sua continuidade, por Fany Lima.

Foto: Elaine Albuquerque

OS SUKTES  
MÃE FLÁVIA

FANY  
2021





Capítulo 3

**GÊNERO,  
TERRITÓRIOS  
PERIFÉRICOS E  
ANCESTRALIDADE**



A temática do V Festival de Arte e Cultura Quilombo do Catucá - “Gênero, territórios periféricos e ancestralidade” -, abrange questões que, durante a pandemia de Covid-19, estiveram ainda mais evidentes em nossa sociedade. O escancaramento do racismo institucional e ambiental, evidenciou a negligência de autoridades na garantia de direitos básicos, como moradia, alimentação e saúde, na prevenção e contenção adequada ao avanço e impacto do Coronavírus em territórios periféricos.

Atestou-se, nesse período, uma sobrecarga ainda maior de cuidado em que as mulheres, sobretudo mulheres negras, tiveram que se dedicar à sua família e pessoas próximas. É nos territórios periféricos que encontramos mais vivas as heranças africanas e indígenas da sociedade brasileira. É lá que estão a maior parte das famílias brasileiras monoparentais e chefiadas por mulheres negras. Também é lá que valores como a solidariedade e a comunhão se tornam parte importante da vida em sociedade. É o punha-

PÁGINA ANTERIOR

Orixá Iansã/Oyá, interpretada por Rayanna Vieira, no filme “Iansã - o que o vento nos trouxe”, realizado pelo Quilombo do Catucá em 2021.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá

Moabia dos Anjos em sua casa, durante a gravação do filme “Iansã - o que o vento nos trouxe”, realizado pelo Quilombo do Catucá em 2021.

Foto: Acervo Quilombo do Catucá





do de açúcar, um pouco de sal, o cuidado com o filho da vizinha que brinca com o seu, é a intenção de inserir mais lazer e cultura para a vida de uma população que já é tão vulnerabilizada socialmente.

A trajetória de vida de Mãe Flávia de Iansã foi no sentido de prover não só o sustento, mas também o conhecimento e a cultura para seus familiares e comunidade. Uma mulher atenta, que lia muito, sempre buscava conhecimento e que também gostava de curtir a vida em festas e celebrações da cultura negra. Vinda de uma família com educadores formais, como sua tia Belonizia da Silva Ferraz (Tia Beló) e seu tio Luiz Gonzaga Pereira da Silva, que exerciam a docência - sendo, este último, homenageado por seus feitos como educador voluntário à comunidade, tendo seu nome atribuído à rua lateral da maternidade de Camaragibe -, a atuação de Flávia se deu através da Cultura Popular, a partir de uma pedagogia fundamentada na vivência e na ancestralidade.

---

“Quanto ao conceito de pedagogia descolonial, se remete à compreensão das formas, lugares, práticas e processos de aprendizagem que ocorrem fora das formas canônicas de ensino-aprendizagem e que são praticadas, há muito tempo, pelos povos afro diaspóricos e indígenas, como formas de resistência que permitiram a estes manter e atualizar tradições, saberes e fazeres ancestrais, que nunca foram assimilados, tão pouco admitidos, pelas sociedades modernas. É neste entrecruzamento, entre o ancestral e o descolonial, por um lado, entre o cultural e o pedagógico, por outro lado, que, pensamos, podem ser compreendidas as práticas culturais do Quilombo Cultural do Catucá. Dessa forma são práticas que ensinam a transgredir

Mulheres, irmãs, filhas, afilhadas do Quilombo do Catucá durante as gravações do filme "Iansã - o que o vento nos trouxe", em 2021.

Fotos: Acervo Quilombo do Catucá

- como afirma bell hooks (2000) no livro 'Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade'."

**Afirma Deybson Albuquerque em "Corpo e Ancestralidades Afro-Indígenas no Centro Cultural Quilombo do Catucá: roda de coco como Prática Pretagógica de (re)existência e descolonização"**

Tornando-se uma liderança comunitária, Mãe Flávia inspirou e ainda hoje inspira muitas outras mulheres e meninas a tomar conta do próprio destino e a manejar com sabedoria seus passos. O Festival de Arte e Cultura é um espaço



que propõe a formação teórica e emancipação política para essas pessoas que estão pelos arredores do Catucá. Uma maior consciência das questões sociais que atravessam a vida nas periferias potencializa e expande os impactos de atuação de quem descende desses territórios.

É a partir do avanço do protagonismo feminino que muitas causas sociais seguem avançando e se qualificando. No espaço do Quilombo do Catucá é estabelecido um espaço para discussões como as sexualidades, por exemplo, que ainda são encarados como tabus e permanecem no espaço do não-dito.

Dentro das periferias cabe um mundo inteiro, onde também estão as pessoas LGBTQIA+, que sofrem discriminação e cerceamento de direitos constantemente. Sobretudo dentro da própria casa, onde a falta de conhecimento, empatia e compreensão torna a jornada pessoal dessa população ainda mais pesada. Trazer essa discussão pro centro, provocar reflexões e responder dúvidas é contribuir para uma qualidade de vida um pouco melhor para a sociedade em geral. Afinal, estamos falando e vivendo em comunidade. As violações de ordens físicas e simbólicas permeiam o dia a dia de pessoas periféricas de modo tão invasivo, que a prática do autocuidado e do cuidado coletivo se faz cada vez mais necessária. É preciso lembrar constantemente sobre a própria humanidade.

Em relato sobre o Festival de Arte e Cultura Quilombo do Catucá, Moabia dos Anjos conta um pouco da intencionalidade desse evento, que faz um trabalho de provocar constantemente a comunidade do Viana, em Camaragibe, a refletir sobre o que falta e o que sobra dentro do território periférico que cada pessoa constrói e representa onde vai.

---

“Nessa perspectiva, o território como forma de encontro individual e coletiva, seja em forma presencial, virtual, documental ou espiritual, pode

Ìyá Luíza de Oxum, também conhecida como Luíza de Maria Padilha, sacerdotisa de Candomblé e Jurema no Ilê Axé Ìyá Omi Osinã.

Fotos: Acervo Quilombo do Catucá

fortalecer atores sociais a viver de forma humana consigo e com o outro. Reconhecer, dialogar, investigar didáticas corporais, culturais e educativas que facilite o processo de aprendizado constante, onde teatro, dança, poesia, história, ancestralidade e memória possam emergir no aprender e ensinar dos sujeitos. Poder desenvolver o reconhecimento de si, do outro, do ambiente e da sua própria história. Nesse relato enfatizo as matrizes africanas e indígenas, atravessando os valores da comunidade periférica.”

**Relata Moabia dos Anjos em “Corpo e Ancestralidade: a roda de coco no Quilombo do Catucá como instrumento de memória e Educação Popular Pretagógico”**

Durante a pandemia da Covid-19, houve o aumento da violência contra a mulher, contra as crianças, idosos e pes-



soas LGBTQIA+. Dados apontam que a maioria dos agressores vivem no mesmo ambiente ou próximos das vítimas. Por conta do isolamento social, muitas dessas pessoas tiveram que ficar dentro de casa com seus agressores. Espaços como a escola, por exemplo, também são um ponto de apoio em casos mais graves, que podem identificar situações vivenciadas por estudantes ou no âmbito familiar para prestar assistência e encaminhar soluções.

Baixa escolaridade, exposição à violência doméstica ou familiar, abuso de álcool e outras drogas, são alguns dos fatores associados à violência de gênero e geracional. A nível local, se em tempos comuns, a prevenção e o combate já não acontece em sua máxima potência e, não raro, é por menorizado e naturalizado, durante a pandemia esse quadro ficou ainda mais grave. Nesse caso, iniciativas como a do Quilombo do Catucá, que se debruçam sobre essas questões, são essenciais para a condução e ampliação de outras possibilidades de bem-viver. Dentro da espiritualidade



Jônata, Fabiele, Raoni, Tamires, Moabia e Rayanna - Ilê Axé Oyá T'Ogum.  
Foto: Acervo Quilombo do Catucá.





de de matrizes africana e indígena, a submissão e subestimação das mulheres, das crianças e dos idosos não tem espaço.

---

“Entendemos que temos o papel de fortalecer a promover a educação por meio da arte e cultura como forma de combate às desigualdades, discriminações, violência de gênero, etnia, psíquica, física, bem como interligação da relação humana com a ancestralidade. O Festival é a materialização do processo que temos o papel, na comunidade do Viana e territórios vizinhos.”

**Declara Elaine Albuquerque, filha de Mãe Flávia e liderança do Quilombo do Catucá**



# REFE RÊN CIAS

ALBUQUERQUE, Deybson. Corpo e Ancestralidades Afro-Indígenas no Centro Cultural Quilombo do Catucá: roda de coco como Prática Pretagógica de (re)existência e descolonização. Curso de Especialização em Museus, Identidades e Comunidades. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) - Escola de Inovação e Políticas Públicas. Recife, 2020.

ALBUQUERQUE, Elaine; CRUZ, Ana Carolina; SILVA, Ana Tainá. Política pública de saúde mental e coletiva em mulheres negras. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Psicologia. Recife: Faculdade UNIVERSO, 2021.

ANJOS, Moabia dos. Corpo e Ancestralidade: a roda de coco no Quilombo do Catucá como instrumento de memória e Educação Popular Pretagógica. Curso de Especialização em Museus, Identidades e Comunidades. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) - Escola de Inovação e Políticas Públicas. Recife, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MOURA, Clóvis. (organizador). Quilombo do Catucá: uma herança dos Palmares no Pernambuco Oitocentista. MELO, Josemir Carneiro de. In: Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia - Pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores: Contribuições do legado africano para implementação da lei 10.639. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SANTOS, Maria Balbina. Pedagogia do Terreiro - Experiência da primeira escola da religião e cultura de matriz africana do baixo sul da Bahia. Escola Caxuté.1.ed. Simões Filho/BA: Kalungo, 2019.





# FICHA TÉC NICA

## V FESTIVAL DE ARTE E CULTURA QUILOMBO DO CATUCÁ

COORDENAÇÃO GERAL  
**Maureliano Ribeiro**

COORDENAÇÃO CULTURAL  
**Deybson Albuquerque**

COORDENAÇÃO EDUCATIVA (OFICINAS)  
**Moabia Anjos**

COORDENAÇÃO EDUCATIVA (GIRAS DE FALAÇÃO)  
**Tamires Carneiro**

COORDENAÇÃO DE MONITORIA  
**Diego Wander**

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO  
**Stefany Lima**

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA  
**Elaine Albuquerque**

APRESENTAÇÕES (CULTURA POPULAR)

**Afoxé Omim Sabá**  
**Caboclinho Tupi-Guarani**  
**Coco do Catucá**  
**Maracatu Gavião de Ouro**  
**Mestra Ana Lúcia e Raízes do Coco**

APRESENTAÇÕES (ARTES E CULTURAS URBANAS)

**Darc e Ninha**  
**Eduardo Ogro**  
**Luiz Amaik**  
**Nordeste Style Crew**  
**Palhaço Gambiarra**

OFICINAS

**Anne Gabrielle**  
**Bárbara Espíndola**  
**Carlos Lima**  
**Débora Freitas**  
**Junior Foster**  
**Luiz Amaik**  
**Tiago Felix**  
**Yuri Lumin**

GIRAS DE FALAÇÃO

**Danyelle Oliveira**  
**Edileusa Silva**  
**Elizama Messias**  
**Yá Luíza D'Oxum**  
**Joaninha Dias**  
**Luíza Cavalcante**  
**Waneska Viana**  
**Moabia Anjos (mediação)**  
**Nayara Passos (mediação)**  
**Stefany Lima (mediação)**

MONITORIAS

**Débora Anjos**  
**Eduardo Vinicius**  
**Esther Bastos**

**Elli Ciriaco**  
**Fabíola Santana**  
**Gabriel Barros**  
**Giovana Borges**  
**Jonatha Vasconcelos**  
**Marcela Anjos**

AUDIOVISUAL

**Demisson Costa**  
**Renata Mesquita**  
**Rennan Peixe**

SOM

**Na Tora Studio**

SOCIAL MEDIA / ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

**Amanda Batista**

REDAÇÃO / ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

**Eduarda Nunes**

DESIGNER

**André Soares**

COMUNIDADE DO VIANA E SANTA MÔNICA

**Allan Miguel**  
**Alexandre Dias**  
**Alexandre Santos**  
**Fabiana Pereira**  
**Fábio Gomes**  
**Fernanda Sheila**  
**Geraldo Silva**  
**Glaudemir Carvalho**  
**Gustavo Vieira**  
**Idenilson**  
**João Olegário**  
**Joelma Vieira**  
**José Ferreira**  
**Marcos**  
**Maria Santana**

**Matheus Ferreira**  
**Rayanna Vieira**  
**Renato**  
**Renato Almeida**  
**Richard Douglas**  
**Rodrigo Nascimento**  
**Thiago Cardoso**

REALIZAÇÃO

**Centro Cultural Quilombo do Catucá**

APOIO

**Grupo Pé no Chão**

FOMENTO

**GRRIPP**

QUILOMBO -  
CATUCA  
ONIGOWBO -





Coletivo Cultural Quilombo do Catucá



Realização

QUILOMBO  
CATUCA  
ONIGOWBO

Apoio



Fomento



**GRRIPP**  
Gender Responsive  
Resilience and Intersectionality in  
Policy and Practice